

# Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

## O domínio avassalador da economia sobre a política [The overwhelming dominance of the economy over politica]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Junges, Márcia
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-09 03:19:13
Link to Item	<a href="http://hdl.handle.net/20.500.12424/158344">http://hdl.handle.net/20.500.12424/158344</a>

# O domínio avassalador da economia sobre a política

“A animalização do humano é uma característica fundamental da política moderna e contemporânea, o que justificaria ainda mais que falássemos em zoopolítica, e não em biopolítica”, pondera Cláudio Oliveira

POR MÁRCIA JUNGES E LUCIANO GALLAS

“Dentro da perspectiva de Agamben, poderíamos dizer que a ideia de estado mínimo e da mão invisível do mercado estariam relacionadas com a decadência da dimensão política enquanto tal, na medida em que, no capitalismo, as coisas parecem se resolver apenas desde uma perspectiva econômica. A oposição entre econômico e político já está dada desde o livro I da *Política* de Aristóteles. O que Agamben nos ensina, desde o livro I de *Homo Sacer*, é que, ao contrário do que acreditava Aristóteles, que julgava que o econômico deveria estar submetido ao político, na modernidade temos a total submissão da política ao econômico, quando não simplesmente uma eliminação do primeiro pelo segundo. É de algum modo o sentido de toda a reflexão de Marx, sobretudo em *O Capital*”, afirma o filósofo Cláudio Oliveira.

Nesta entrevista, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, o pesquisador analisa a obra de Giorgio Agamben e sua relação com o trabalho de pensadores dos mais variados ramos do conhecimento, debatendo as interações entre economia e política no atual sistema de produção hegemônico. “O que aconteceu no mundo moderno não foi propriamente uma cisão entre política e eco-

nomia, mas um domínio avassalador da primeira pela segunda, a ponto de reduzir a primeira, a política, a quase nada, ou, para usar um termo muito na moda, a um problema de gestão. Creio que o modo como se deu esse processo foi explicado do modo mais radical até hoje por Marx, quando nos mostrou que, a partir do capitalismo, os homens deixam de se encontrar no mercado, na medida em que são as mercadorias, e não os homens, que passam a se encontrar no mercado. Algo que Marx chamou de o fetichismo da mercadoria”, enfatiza.

Cláudio Oliveira da Silva é graduado, mestre e doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Atualmente, é professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal Fluminense – UFF. É membro, desde a sua fundação, do grupo de trabalho Filosofia e Psicanálise da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia – ANPOF e da International Society of Psychoanalysis and Philosophy. Integra o Conselho Editorial da Coleção Filô, da editora Autêntica, na qual dirige a série Agamben – é o tradutor para o português usado no Brasil do livro *A comunidade que vem* (“*La Comunità che viene*” – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013).

Confira a entrevista.

**IHU On-Line – A partir das ideias de Agamben<sup>1</sup> em *O Reino e a glória* (*Il Regno e la Gloria*. Per una genealogia**

**teologica dell'economia e del governo – São Paulo: Boitempo Editorial, 2011), em que medida o capitalismo**

**pode ser compreendido como uma zoopolítica?**

<sup>1</sup> **Giorgio Agamben** (1942): filósofo italiano. É professor da Facoltà di Design e arti della IUAV (Veneza), onde ensina Estética, e do College International de Philosophie de Paris. Formado em Direito, foi professor da Università di Macerata, Università di Verona e da New York University, cargo ao qual renunciou em protesto à política do governo estadunidense. Sua produção centra-se nas relações entre filosofia, literatura, poesia e, fundamentalmente, política. Entre suas principais obras, estão *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002), *A linguagem e a morte* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005),

*Infância e história: destruição da experiência e origem da história* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006); *Estado de exceção* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007), *Estâncias - A palavra e o fantasma na cultura ocidental* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007) e *Profanações* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007). Em 04-09-2007, o sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU publicou a entrevista *Estado de exceção e biopolítica segundo Giorgio Agamben*, com o filósofo Jasson da Silva Martins, disponível em <http://bit.ly/jasson040907>. A edição 236 da **IHU On-Line**, de 17-09-2007, publicou a entrevista *Agamben e Heidegger: o âmbito originário de uma nova experiência, ética,*

*política e direito*, com o filósofo Fabrício Carlos Zanin, disponível em <http://bit.ly/ihuon236>. A edição 81 da publicação, de 27-10-2003, teve como tema de capa *O Estado de exceção e a vida nua: a lei política moderna*, disponível para acesso em <http://bit.ly/ihuon81>. Além disso, de 16 de abril a 23 de outubro de 2013, o IHU organizou o ciclo de estudos *O pensamento de Giorgio Agamben: técnicas biopolíticas de governo, soberania e exceção*, cujas atividades integraram o I e o II seminários preparatórios ao *XIV Simpósio Internacional IHU - Revoluções tecnológicas, culturas, indivíduos e sociedades*. (Nota da IHU On-Line)

**Cláudio Oliveira** – Na verdade, a noção de zoopolítica foi por mim desenvolvida a partir do primeiro volume de *Homo Sacer*, “O poder soberano e a vida nua” (Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010), e não a partir de “O Reino e a Glória” [segundo volume de *Homo Sacer*]. Após demonstrar já na Introdução de “O poder soberano e a vida nua” que há, em Aristóteles<sup>1</sup>, no livro I da “Política”, uma distinção entre os termos gregos *bíos* e *zoé*, Agamben relaciona a discussão aristotélica com as investigações foucaultianas sobre a biopolítica. Mas o estranho é que, como o mostra o próprio Agamben, é o termo *zoé* que caracterizaria aquilo que hoje chamamos de vida biológica, enquanto o termo *bíos* estaria relacionado, segundo Aristóteles e de acordo com o próprio uso dessa palavra entre os gregos antigos, não com a vida que nós chamamos indevidamente de “biológica”, mas com aquela qualificada politicamente. A vida que nós chamamos hoje, indevidamente, de “biológica” deveria ser chamada, seguindo o sentido dos étimos gregos, de “zoológica”. Em grego *bíos* não diz respeito à vida biológica, mas à vida politicamente qualificada; *bíos* significa um modo de vida ou o modo como vivemos a vida, e não a vida no sentido biológico do termo. Estranhamente, ao se criar uma nova ciência na modernidade que estudava o fenômeno da vida, a biologia, se partiu do étimo grego que não tinha nada a ver com esse aspecto da vida. Foucault<sup>2</sup>, ao criar

1 **Aristóteles de Estagira** (384 a.C.-322 a.C.): filósofo nascido na Calcídica, Estagira. Suas reflexões filosóficas - por um lado, originais; por outro, reformuladoras da tradição grega - acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou significativas contribuições para o pensamento humano, destacando-se nos campos da ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia e história natural. É considerado por muitos o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da IHU On-Line)

2 **Michel Foucault** (1926-1984): filósofo francês. Suas obras, desde a *História da Loucura* até a *História da sexualidade* (a qual não pôde completar devido a sua morte), situam-se dentro de uma filosofia do conhecimento. Suas teorias sobre o saber, o poder e o sujeito romperam

o termo biopolítica, não tem como referência o sentido grego da palavra *bíos*, mas já o sentido dado pelo surgimento da biologia como ciência na modernidade; ou seja, a biopolítica, para Foucault, é uma política em que a biologia tem um papel fundamental.

Agamben, no entanto, diferentemente de Foucault, tem total consciência do sentido grego do termo, mas, mesmo assim, para se manter referido a Foucault e às discussões que ele lançou, manteve o termo biopolítica. A meu ver, se levamos em consideração o sentido etimológico do termo, o mundo moderno e o capitalismo como seu “modus vivendi” fundamental, deveria ser entendido como uma zoopolítica, e não como uma biopolítica. Um outro argumento nesse sentido é que tanto em Foucault como em Agamben, assim como em Hannah Arendt<sup>3</sup>, a animalização do humano

com as concepções modernas destes termos, motivo pelo qual é considerado por certos autores, contrariando a própria opinião de si mesmo, um pós-moderno. Seus primeiros trabalhos (*História da Loucura*, *O Nascimento da Clínica*, *As Palavras e as Coisas*, *A Arqueologia do Saber*) seguem uma linha estruturalista, o que não impede que seja considerado geralmente como um pós-estruturalista devido a obras posteriores, como *Vigiar e Punir* e *A História da Sexualidade*. Foucault trata principalmente do tema do poder, rompendo com as concepções clássicas do termo. Para Foucault, o poder não somente reprime, mas também produz efeitos de saber, constituindo verdades, práticas e subjetividades. Em várias edições, a IHU On-Line dedicou matéria de capa a Foucault: edição 119, de 18-10-2004, disponível em <http://bit.ly/ihuon119>; edição 203, de 06-11-2006, disponível em <http://bit.ly/ihuon203>; edição 364, de 06-06-2011, intitulada ‘*História da loucura*’ e *o discurso racional em debate*, disponível em <http://bit.ly/ihuon364>; edição 343, *O (des) governo biopolítico da vida humana*, de 13-09-2010, disponível em <http://bit.ly/ihuon343>, e edição 344, *Biopolítica, estado de exceção e vida nua. Um debate*, disponível em <http://bit.ly/ihuon344>. Confira ainda a edição nº 13 dos **Cader nos IHU em formação**, disponível em <http://bit.ly/ihuem13>, **Michel Foucault. Sua contribuição para a educação, a política e a ética**. (Nota da IHU On-Line)

3 **Hannah Arendt** (1906-1975): filósofa e socióloga alemã de origem judaica. Foi influenciada por Husserl, Heidegger e Karl Jaspers. Em consequência das perseguições nazistas, em 1941, partiu para os Estados Unidos, onde escreveu grande parte das suas obras. Lecionou nas principais universidades deste país. Sua

é uma característica fundamental da política moderna e contemporânea, o que justificaria ainda mais que falássemos em zoopolítica, e não em biopolítica. O autor que talvez mais tenha se aproximado da ideia de uma zoopolítica é Peter Sloterdijk<sup>4</sup>, em seu livro *Regras para o parque humano*.

**IHU On-Line – Dentro desta perspectiva, como podemos compreender o estado mínimo e a “mão invisível” do mercado?**

**Cláudio Oliveira** – Dentro da perspectiva de Agamben, poderíamos dizer que a ideia de estado mínimo e da mão invisível do mercado estaria relacionada com a decadência da dimensão política enquanto tal, na medida em que, no capitalismo, as coisas parecem se resolver apenas desde uma perspectiva econômica. A oposição entre econômico e político já está dada desde o livro I da *Política* de Aristóteles. O que Agamben nos ensina, desde o livro I de “*Homo Sacer*”, é que, ao contrário do que acreditava Aristóteles, o qual julgava

filosofia assenta numa crítica à sociedade de massas e à sua tendência para atomizar os indivíduos. Preconiza um regresso a uma concepção política separada da esfera econômica, tendo como modelo de inspiração a antiga cidade grega. A edição mais recente da IHU On-Line que abordou o trabalho da filósofa foi a 438, *A Banalidade do Mal*, de 24-03-2014, disponível em <http://bit.ly/ihuon438>. Sobre Arendt, confira ainda as edições 168 da IHU On-Line, de 12-12-2005, sob o título *Hannah Arendt, Simone Weil e Edith Stein. Três mulheres que marcaram o século XX*, disponível em <http://bit.ly/ihuon168>, e a edição 206, de 27-11-2006, intitulada *O mundo moderno é o mundo sem política. Hannah Arendt 1906-1975*, disponível em <http://bit.ly/ihuon206>. (Nota da IHU On-Line)

4 **Peter Sloterdijk** (1947): filósofo alemão. Desde a publicação de *Crítica da razão cínica*, é considerado um dos maiores renovadores da filosofia atual. Em 2004, encerrou sua trilogia *Esfemas* (Sphären), cujos primeiros volumes foram publicados em 1998 e 1999. Interessado na mídia, dirige *Quarteto filosófico*, programa cultural da cadeia de televisão estatal alemã ZDF. Tem inúmeras obras traduzidas para o português, como *Regras para o parque humano - uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo* (São Paulo: Estação Liberdade, 2000). No sítio do IHU On-Line, foram publicadas várias traduções de entrevistas concedidas pelo filósofo. Elas podem ser acessadas pela busca em [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br). (Nota da IHU On-Line)

que o econômico deveria estar submetido ao político, na modernidade temos a total submissão da política ao econômico, quando não simplesmente uma eliminação do primeiro pelo segundo. É de algum modo o sentido de toda a reflexão de Marx<sup>5</sup>, sobretudo em “O Capital”.

### IHU On-Line – Há uma cisão entre ética e economia? Como se deu esse processo?

**Cláudio Oliveira** – Na verdade não se trata, a meu ver, de uma cisão, nem de uma cisão entre ética e economia. A relação fundamental seria entre política e economia, a ética fazendo parte de um domínio dentro da política. O que aconteceu no mundo moderno não foi propriamente uma cisão entre política e economia, mas um domínio avassalador da primeira pela segunda, a ponto de reduzir a primeira, a política, a quase nada, ou, para usar um termo muito na moda, a um problema de gestão. Creio que o modo como se deu esse processo foi explicado do modo mais radical até hoje por Marx, quando nos mostrou que, a partir do capitalismo, os homens deixam de se encontrar no mercado, na medida em que são as mercadorias, e não os homens, que passam a se encontrar no mercado. Algo que Marx chamou de o fetichismo da mercadoria.

### IHU On-Line – Quais são os nexos que unem a biopolítica à economia?

**Cláudio Oliveira** – Esses nexos são muitos, e o próprio Foucault se

deu conta deles, embora não os tenha desenvolvido a fundo. Mas ele nos mostra que uma biopolítica é condição fundamental para a instauração do capitalismo. A obra de Agamben é uma oportunidade para nos aprofundarmos nessa questão. Eu diria que o capitalismo é uma biopolítica (ou uma zoopolítica, se quisermos ser mais precisos), na medida em que o indivíduo e o cidadão se tornam para o governo um problema econômico.

### IHU On-Line – Que conexões podem ser percebidas entre Lacan<sup>6</sup> e Agamben?

**Cláudio Oliveira** – Na obra de Agamben, elas começam a aparecer já em seu segundo livro, *Estâncias* (Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007), no terceiro ensaio do livro, que é dedicado, dentre outros, a Jacques Lacan, e onde Agamben se utiliza da teoria psicanalítica, sobretudo lacaniana, para construir sua própria teoria do fantasma ou da fantasia. Essa referência permanecerá em livros posteriores, como “*Infância e História*”, mas tende a desaparecer depois, pelo menos de modo explícito. Em 1990, Agamben participou do Colóquio “Lacan avec les philosophes”, promovido pelo *Collège International de Philosophie*, do qual Agamben era um dos diretores de Programa. Apresentou, na ocasião, um texto intitulado “*Experimentum linguae*”, mesmo título que viria a dar ao

prefácio à edição francesa de *Infância e História*. O texto apresentado no colóquio, no entanto, jamais foi publicado. Tenho tentado, nos últimos anos, convencer Agamben a publicá-lo, mas até agora meus esforços foram em vão. Acho que é um texto que permitiria esclarecer alguns pontos obscuros da relação entre Lacan e Agamben.

O pensamento de Agamben, seu trabalho e obra são tão próximos de Lacan que exatamente essa proximidade tem que nos deixar atentos. Existe um conhecimento – depois de muitos anos de certo convívio com Agamben, tenho noção disso – por parte de Agamben da literatura psicanalítica. Um conhecimento por parte dele de certo Freud<sup>7</sup>, de certo Lacan, mas esse conhecimento não vai até o nível que imaginamos, pelo fato de vermos grandes coincidências. A meu ver, essas coincidências se devem menos a um conhecimento profundo da obra de Lacan ou de Freud por parte de Agamben, e mais a um certo conjunto de referências intelectuais compartilhadas no século XX: a antropologia estrutural de Lévi-Strauss<sup>8</sup>,

<sup>7</sup> Sigmund Freud (1856-1939): neurologista, fundador da psicanálise. Interessou-se, inicialmente, pela histeria e, tendo como método a hipnose, estudou pessoas que apresentavam esse quadro. Mais tarde, interessado pelo inconsciente e pelas pulsões, foi influenciado por Charcot e Leibniz, abandonando a hipnose em favor da associação livre. Estes elementos tornaram-se bases da psicanálise. Freud nos trouxe a ideia de que somos movidos pelo inconsciente. Freud, suas teorias e o tratamento com seus pacientes foram controversos na Viena do século XIX, e continuam ainda muito debatidos hoje. A edição 179 da *IHU On-Line*, de 08-05-2006, dedicou-lhe o tema de capa sob o título *Sigmund Freud. Mestre da suspeita*, disponível em <http://bit.ly/ihuon179>. A edição 207, de 04-12-2006, tem como tema de capa *Freud e a religião*, disponível em <http://bit.ly/ihuon207>. A edição 16 dos *Cadernos IHU em formação* tem como título *Quer entender a modernidade? Freud explica*, disponível em <http://bit.ly/ihuem16>. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>8</sup> Claude Lévi-Strauss (1908-2009): antropólogo belga que dedicou a vida à elaboração de modelos baseados na linguística estrutural, na teoria da informação e na cibernética para interpretar as culturas, que considerava como sistemas de comunicação, dando contribuições fundamentais para a antropologia social. Sua obra teve grande repercussão e transformou, de maneira radical, o estudo das ciências sociais, mesmo

<sup>5</sup> Karl Marx (Karl Heinrich Marx, 1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. A edição número 41 dos *Cadernos IHU Ideias*, de autoria de Leda Maria Paulani, tem como título *A (anti) filosofia de Karl Marx*, disponível em <http://bit.ly/173lFhO>. Também sobre o autor, confira a edição número 278 da *IHU On-Line*, de 20-10-2008, intitulada *A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx*, disponível em <http://bit.ly/ihuon278>. Leia, igualmente, a entrevista *Marx: os homens não são o que pensam e desejam, mas o que fazem*, concedida por Pedro de Alcântara Figueira à edição 327 da *IHU On-Line*, de 03-05-2010, disponível em <http://bit.ly/ihuon327>. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>6</sup> Jacques Lacan (1901-1981): psicanalista francês. Realizou uma releitura do trabalho de Freud, mas acabou por eliminar vários elementos deste autor (descartando os impulsos sexuais e de agressividade, por exemplo). Para Lacan, o inconsciente determina a consciência, mas ainda assim constitui apenas uma estrutura vazia e sem conteúdo. Confira a edição 267 da revista *IHU On-Line*, de 04-08-2008, intitulada *A função do pai, hoje. Uma leitura de Lacan*, disponível em <http://bit.ly/ihuon267>. Sobre Lacan, confira, ainda, as seguintes edições da revista *IHU On-Line*, produzidas tendo em vista o *Colóquio Internacional A ética da psicanálise: Lacan estaria justificado em dizer “não cedas de teu desejo”?* [*ne cède pas sur ton désir?*], realizado em 14 e 15 de agosto de 2009: edição 298, de 22-06-2009, intitulada *Desejo e violência*, disponível em <http://bit.ly/ihuon298>, e edição 303, de 10-08-2009, intitulada *A ética da psicanálise. Lacan estaria justificado em dizer “não cedas de teu desejo”?*, disponível em <http://bit.ly/ihuon303>. (Nota da *IHU On-Line*)

a linguística de Jakobson<sup>9</sup>, a referência hegeliana<sup>10</sup>, uma discussão com Foucault, com Derrida<sup>11</sup>. A obra de Agamben constitui-se no mesmo terreno em que a psicanálise de Lacan se constituiu. Nesse cenário da filosofia do século XX – agora já do século XXI –, eu diria que a posição filosófica mais próxima da psicanálise lacaniana é a de Agamben, sem dúvida nenhuma. As possibilidades de fazer esse diálogo, então, são inúmeras.

provocando reações exacerbadas nos setores ligados principalmente às tradições humanista, evolucionista e marxista. Ganhou renome internacional com o livro *Les Structures élémentaires de la parenté* (1949). Em 1935, Lévi-Strauss veio ao Brasil para lecionar Sociologia na Universidade de São Paulo - USP. Interessado em etnologia, realizou pesquisas em aldeias indígenas do Mato Grosso. As experiências foram sistematizadas no livro *Tristes Trópicos* (São Paulo: Companhia das Letras, 1996), publicado originalmente em 1955 e considerado uma das mais importantes obras do século XX. (Nota da IHU On-Line)

9 Roman Jakobson (1896-1982): linguista e crítico literário russo, um dos fundadores da fonologia. É autor de *Ensaio de linguística geral* e *Que é poesia?*, além de outros numerosos ensaios sobre linguística e crítica literária. (Nota da IHU On-Line)

10 Friedrich Hegel (1770-1831): filósofo alemão idealista. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sobre Hegel, confira no link <http://bit.ly/ihuon217> a edição 217 da IHU On-Line, de 30-04-2007, intitulada *Fenomenologia do espírito*, de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1807-2007), em comemoração aos 200 anos de lançamento dessa obra. Veja ainda a edição 261, de 09-06-2008, Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. *Um novo modo de ler Hegel*, disponível em <http://bit.ly/ihuon261>, e Hegel. *A tradução da história pela razão*, edição 430, disponível em <http://bit.ly/ihuon430> (Nota da IHU On-Line).

11 Jacques Derrida (1930-2004): filósofo francês, criador do método chamado desconstrução. Seu trabalho é associado, com frequência, ao pós-estruturalismo e ao pós-modernismo. Entre as principais influências de Derrida encontram-se Sigmund Freud e Martin Heidegger. Entre sua extensa produção, figuram os livros *Gramatologia* (São Paulo: Perspectiva, 1973), *A farmácia de Platão* (São Paulo: Iluminuras, 1994), *O animal que logo sou* (São Paulo: UNESP, 2002), *Papel-máquina* (São Paulo: Estação Liberdade, 2004) e *Força de lei* (São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007). Dedicamos a Derrida a editoria Memória da IHU On-Line nº 119, de 18-10-2004, disponível em <http://bit.ly/ihuon119>. (Nota da IHU On-Line)

## IHU On-Line – Quais são as ideias centrais da obra de Agamben “A comunidade que vem”?

Cláudio Oliveira – É difícil definir quais são as ideias centrais de um livro como “A comunidade que vem”. Há, sem dúvida, algumas noções que se repetem ao longo do livro, como, por exemplo, a noção de “qualquer”, que, não por acaso, é precisamente aquela que dá título ao primeiro capítulo do livro. A ideia central, embutida no uso dessa noção, poderia ser então descrita assim: qual é o estatuto dos indivíduos singulares numa comunidade por vir. Uma série de outras noções são então convocadas a fim de auxiliar o trabalho de descrição do que seria essa comunidade, tais como as noções de “limbo”, de “exemplo”, de “exterior”, dentre tantas outras. O que essas noções teriam em comum é o fato de todas elas porem em questão a ideia tradicional de comunidade, enquanto reunião de semelhantes fundada em uma noção de identidade. É impressionante como Agamben, neste livro, se servirá de referências as mais díspares, como a teoria dos conjuntos, a ideia de uma sociedade sem classes, os *cartoons*, as discussões teológicas sobre o princípio de individuação, etc.

## IHU On-Line – Que desafios foram enfrentados na tradução desta obra?

Cláudio Oliveira – O desafio maior, como sempre, é manter-se fiel ao original, sobretudo no caso de uma obra de grande aventura literária, como “A comunidade que vem”. É sempre também um desafio descobrir as referências de Agamben, já que em muitos de seus livros ele faz citações sem dar referências bibliográficas.

## IHU On-Line – Qual é a relação entre mística e linguagem em Giorgio Agamben?

Cláudio Oliveira – A questão da mística não é uma questão que poderíamos considerar central na obra de Giorgio Agamben. Eu diria que, embora fundamental, ela é uma questão sub-reptícia em sua obra: uma questão de fundo, essencial, mas que só ocasionalmente vem à frente. A questão da linguagem, ao contrário, é aquela que o próprio Agamben define

como a questão que ele quis pensar obstinadamente, como ele diz no prefácio que escreveu, em 1989, para a edição francesa de *Infância e História*: “Se para todo autor existe uma interrogação que define o *motivum* do seu pensamento, o âmbito que essas perguntas circunscrevem coincide sem resíduos com aquele em direção do qual se orienta todo o meu trabalho. Nos livros escritos e naqueles não escritos, eu não quis pensar obstinadamente senão uma só coisa: o que significa ‘há linguagem’, o que significa ‘eu falo’?”.

É interessante notar que, embora uma questão sub-reptícia, a questão da mística, em Agamben, é uma questão que insiste e aparece, em geral, relacionada à questão da linguagem ou a questões que estão, de algum modo, relacionadas à questão da linguagem. Desenvolvi esse tema numa conferência que deve ser publicada em breve sob o título “Mística e Linguagem”. Tratava-se de um encontro da sociedade ibero-americana de neoplatonistas, mas eu quis participar para mostrar que essa é uma questão que insiste não só em Agamben, mas também em Lacan. Agamben, aliás, em sua conferência inédita sobre Lacan, feita durante o colóquio *Lacan avec les philosophes*, lembra que Lacan quis que os seus “Escritos” fossem colocados entre os escritos dos místicos. Seria impossível reproduzir aqui toda a argumentação que eu desenvolvo na conferência citada, mas a ideia fundamental é a de que o místico não é algo que a linguagem não alcançaria a não ser através de uma experiência mística, mas, ao contrário, que isso que é o inalcançável para a linguagem, e, portanto, místico para ela, é ela mesma enquanto tal.

## Leia mais...

- *O inédito de Agamben*. Artigo de Cláudio Oliveira publicado no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU em 25-11-2012, disponível em <http://bit.ly/1otlZ5O>.